



Arminda dos Anjos  
Cidalina Anjos Bento  
Soito da Ruiva

# **Ficha Técnica**

## **Editor**

Trenmo Engenharia, Lda

## **Fotografia da Capa**

Olívia Silva

## **Museu da Pessoa**

### **Responsável Editorial**

Jorge Gustavo Rocha

## **Entrevista**

Filipa Rodrigues

Ana Isabel Fernandes

Ana Cristina Pereira

## **Transcrição**

Ana Isabel Fernandes

Ana Cristina Pereira

## **Edição da História de Vida**

Filipa Rodrigues

## **Revisão**

Filipa Rodrigues

Liliana Monteiro

## **Design**

Ana Lopes

## **ISBN**

978-989-8172-08-2

## **Prefácio**

Soito da Ruiva encantou-me desde a primeira vez que a visitei! O motivo da minha atracção não foi desde logo evidente para mim, mas fui descobrindo nas visitas seguintes: lugar e identidade andam lado a lado neste espaço carregado de símbolos, memórias e significações.

Penso que não se poderá falar desta aldeia e das suas gentes, sem se falar do espaço físico que habitam. Soito da Ruiva é uma aldeia completamente pedonal, onde o automóvel é obrigado a permanecer na entrada da aldeia. O espaço público é um espaço na escala humana, criando proximidade e facilitando o convívio. E esta “humanidade” do lugar tem reflexo na identidade da sua população, generosa e alegre, abrindo os seus lares, tal como a aldeia se abre à confraternização.

Surge assim este projecto, cujo objectivo é ajudar a valorizar a aldeia divulgando o valor das suas gentes! No entanto, não se pretende descrever as características gerais desta população, mas sim focar as experiências de cada um dos seus habitantes, a sua relação no espaço da aldeia, retratando o funcionamento desta comunidade!

Álvaro Costa

## **Arminda dos Anjos e Cidalina Bento**

Arminda dos Anjos nasceu a 12 de Setembro de 1924, em Soito da Ruiva. Filha de Aparício João e de Maria dos Anjos, teve uma irmã e um irmão. Enquanto jovem guardava o gado pelo mato e ia buscar o molho de lenha para a lareira, esperando ansiosamente pelos bailariocos de domingo. Aos 20 anos casou com Jaime Bento, que trabalhava na cortiça, em Lisboa. Teve quatro filhos. Três rapazes, já falecidos, e uma rapariga. Cidalina é nome da única herdeira da sua história. É a pessoa com quem vive e partilha quase todos os momentos do dia-a-dia. Arminda já é avó de dois rapazes, Nuno e Miguel. Hoje relembra o tempo em que a aldeia era pintada por uma paisagem natural e verdejante. Fala também dos usos e costumes típicos e até ensina a fazer chás com as ervas do monte.

## Conteúdo

Identificação “ <i>A história de uma mãe e filha</i> ” . . .	4
Ascendência <i>Os antepassados</i> . . . . .	4
Infância “ <i>Os domingos ficávamos a guardá-los</i> ” .	7
Casa “ <i>Muita pedra carreguei</i> ” . . . . .	8
Religião “ <i>Aprender a doutrina</i> ” . . . . .	9
Educação “ <i>Na escola da aldeia</i> ” . . . . .	9
Quotidiano “ <i>Pela semana não havia vagar</i> ” . . .	10
<i>Comissão de Melhoramentos “Anos seguidos</i>	
<i>com coisas novas</i> ” . . . . .	16
<i>Festas “A aldeia enche”</i> . . . . .	17
Costumes . . . . .	18
<i>Coscoréis, arroz doce e bolos da colher</i> . . . .	18
“ <i>Máscaras de papelão</i> ” . . . . .	18
<i>Romagens “Cantavam pelo caminho e levavam</i>	
<i>boas merendas</i> ” . . . . .	19
<i>São João “Arranjavam um cântaro e um gato”</i>	19
<i>A capelinha das almas e a cura para as sezões</i>	19
<i>As curas do campo</i> . . . . .	20
<i>Lobisomem “Até botava lume”</i> . . . . .	21
<i>Bruxas e benjilhonas “Sabe-se lá se não as há?”</i>	22
<i>O museu da aldeia “Preservar as tradições”</i> .	22
Namoro “ <i>Por carta</i> ” . . . . .	22
Casamento “ <i>Tudo comia, bebia e dançava</i> ” . . .	24
Descendência “ <i>Não foi fácil criar os meus filhos</i> ”	25



**Fotografia 1:** Arminda dos Anjos.

### **Identificação “*A história de uma mãe e filha*”**

O meu nome é Arminda dos Anjos e nasci no Soito da Ruiva. Já não me recordo da idade que tenho. Já não tomo sentido. Mas sei que nasci no dia 12 de Setembro. A minha filha chama-se Cidalina dos Anjos Bento e nasceu a 31 de Janeiro de 1953. Esta é a história de uma mãe e filha.

### **Ascendência *Os antepassados***

A minha mãe teve três filhos. Eu, que era a mais velha, uma irmã que morreu cedo, e um irmão que saiu de Soito da Ruiva com 8 anos. Foi para uma terra chamada Salgueiral, que fica longe. Fazia lá muita coisa! Andava



**Fotografia 2:** Cidalina dos Anjos Bento, filha de Arminda dos Anjos.

a trabalhar na terra e, às vezes, até parece mal dizer, tinha bois e olhava por aquilo tudo. Ganhava assim algum dinheiro. Vinha poucas vezes à aldeia, porque era longe.

Ainda cheguei a conhecer a minha avó materna. Vivia numa casa próxima à casa onde vivia a mãe da Adelina. Ainda era pequena, mas lembro-me que até fui lá dormir. Até parece mal dizer isto, mas recordo-me que numa dessas vezes os ratos roeram-me os dedos dos pés e doíam-me muito.

Cidalina, sua filha, ainda se recorda do nome dos seus avós e assim recompõe a história dos seus antepassados. Diz: "os meus avós, da banda da minha mãe, chamavam-se Maria dos Anjos e Aparício João. Das poucas recordações que tenho, lembro-me que ambos foram enterrados no cemitério de Pomares, na freguesia. Era muito longe. Os homens viam-se aflitos para os levarem para lá."

Relativamente às origens paternas recorda: "o meu avô, da banda do meu pai, chamava-se Bento. Morreu quando eu tinha apenas um ano. Foi enterrado no Sobral Magro. Era longe para ir visitar a campa. Mas antes, iam para o cemitério em Pomares. Só depois é que começaram a vir para o Sobral Magro. E a minha avó, que morava além, chamava-se Assunção. Era conhecida por tia Assunção. Era muito boa para mim. Também trabalhava muito no campo. Quando já não podia, ia lá dormir com ela. Nessa altura, não contava muitas histórias. Recordo-me que dizia que também as passava com os filhos, pois o meu avô morreu cedo. Ela tinha cinco filhos. O meu pai, o Américo e o Silvino que estão em Lisboa, a Irene, que está no Soito da Ruiva, e o Alfredo, que está em Vendas Novas. A relação com os meus tios sempre foi muito boa. Ainda hoje, são todos meus amigos. O meu tio Américo é mais chegado a mim e à minha mãe. Costuma vir à aldeia todos os anos, no Verão, pois tem casa aqui. O meu tio Silvino também tem casa na aldeia. Só o meu tio Alfredo é que não. Este, desde que morreu a minha avó, nunca mais cá tornou. Já não me lembro exactamente quando a minha avó morreu. Sei que foi em Agosto e já era crescida."



## **Infância “*Os domingos ficávamos a guardá-los*”**

Arminda relata que naquele tempo havia muita rapaziada. Brincávamos, dançávamos e sei lá o que fazíamos mais! Estas maltas costumavam juntar-se ali no largo e por aí fora. Aos domingos brincávamos ao cântaro, que era como jogar à bola, mas quando o cântaro caía para o chão e partia era uma risota. Botavam-se todos a rir. Na altura, havia idades para se jogar ao cântaro. Normalmente, só as raparigas grandes é que jogavam. Era conforme. Às vezes, umas jogavam, outras não. Os rapazes também jogavam.

Os domingos ficávamos a guardá-los. Não se trabalhava. Era o dia de descanso. Naquele tempo ainda iam à missa ao Sobral Magro, a Pomares. Agora já não vão. Era muito longe e as pessoas iam a pé. Quem podia caminhar ia, quem não podia ia mais devagar. A bem dizer, só lá iam as velhas. Quando era pequena também ia quando podia. Ia descalça e já estava tão acostumada que os pés não doíam muito. Naquele tempo nem tamancos havia. Era uma miséria. A vida era ruim. Fome nunca passei. A minha mãe era pobre mas tinha sempre pãozinho para a gente comer.

Quando nevava, ficávamos de roda da fogueira, porque fazia muito frio. Às vezes, havia muita neve. Então, tínhamos que estar fechadas em casa e o gado ficava na loja. Já no tempo de Cidalina, sua filha, o Inverno era vivido de forma diferente. Diz: "Lembro-me bem do Inverno. Ai credo, era cada nevão! E quando a gente andava a cavar? Uma vez, andava a cavar para uma prima minha além e caiu-nos lá um nevão tão grande que tivemos que fugir. Mas lembro-me de brincar na neve. Fazíamos bolas muito grandes que era para ficarem ali a derreter durante muito tempo.

Brincávamos às escondidas também! E depois também tinha o jogo da panela! Mas esse jogo só se fazia na Quaresma. Em passando a Quaresma, já eram outras brincadeiras. Para os jovens, havia os bailaricos. E passávamos a vida a dançar no largo ao pé da escola. Os

rapazes dançavam bem e as raparigas também. Era tipo folclore.

Mais tarde, veio para cá um homem, o marido da tia Anunciação que tinha uma guitarra e a gente dançava ao toque da guitarra. Ainda era melhor. Primeiro tinham harmónicos, outros tinham concertinas e outras coisas como violas e bandolins. Fazíamos sempre uma grande festa aos domingos."

### **Casa “*Muita pedra carreguei*”**

Soito da Ruiva agora é que está muito mais bonito, mas naquele tempo... Ao meio do povo havia uma mimosa. Perto dessa poça havia uma figueira. Mas depois cortaram-na. Assim que taparam a poça e fizeram aquele muro, a figueira desapareceu. As casas eram todas de pedra. Não eram brancas como agora. Era assim tudo negro. A construção das casas era feita por uns homens do Sobral Magro que cá vinham. O pai do tio Manuel Mendes também fez muitas e um outro senhor que morava além na casa da tia Anita.

Havia muita gente a viver na aldeia. Agora é que já uns morreram, outros foram-se embora. Havia casas com quatro e cinco pessoas e outras com ainda mais. Era conforme. Mas os rapazes também eram poucos. Iam para Lisboa. As mulheres é que iam buscar a pedra aos matos. Eu muita pedra carreguei e a minha filha também quando ainda era pequenita. Depois, quando já era mais crescida andou lá nas obras com outras raparigas da mesma idade. As raparigas tinham que se sujeitar. A Cidalina, a Ermelinda, a Arminda e outras eram chamadas para acartar vigas.

A casa onde eu vivia era pertinho da casa onde vivo hoje. Esta mandei-a fazer. Lembro-me bem da construção. Andei sem poder, pois fartei-me de trabalhar. Ia buscar pedra, madeiras e tudo onde havia. Eu sei lá!

## **Religião “*Aprender a doutrina*”**

Tanto Arminda como Cidalina, mãe e filha, andaram na catequese para aprender a doutrina. Arminda conta: "no meu tempo íamos a pé para Pomares, que é uma freguesia longe. Era aos sábados e aos domingos." Cidalina refere: "ainda fiz a Primeira Comunhão. Já foi há muitos anos. Mas já não cheguei a fazer a Comunhão Solene nem o Crisma. Eram muitos dias e tantas horas a andar a pé. Na altura, não ia sozinha. Costumava ir com as minhas colegas e éramos muitas. Costumávamos ir a cantar pelo caminho, porque demorava muito para lá se chegar."

## **Educação “*Na escola da aldeia*”**

Em relação à escola, Cidalina conta o seu percurso. "Eu fiz só a 3<sup>a</sup> classe e já foi na escola da aldeia. Não sabia nada. Mas naquele tempo as coisas eram diferentes. Agora tenho 54 anos e está tudo mudado, mas naquele tempo era difícil. Éramos muitos alunos.

Lembro-me que a professora era ali dos lados da Guarda e chama-se Clementina. Mais tarde, vieram outras. Uma que era de Midões e outras de Alvoco da Serra. Normalmente eram solteiras e ficavam a viver na aldeia. Algumas eram boas professoras. Outras davam-nos tanto que punham os olhos negros à gente. Às vezes, batiam-nos com uma régua de madeira. Era mau!

Tinha escola todo o dia, de manhã e de tarde. E continuava a ajudar em casa. Logo pela manhã, ia pôr as cabras ao mato e buscar um molho de mato, enquanto a professora estava em casa. Íamos bem cedo, porque só íamos para a escola parece que era às nove horas. Então, até a essa hora dava para fazer muita coisa.

Dos meus irmãos, só o Daniel é que andou na escola. O outro nunca andou, porque tinha uma deficiência. Não falava e dava-lhe ataques, como se dizia. No fim, o Daniel também tinha ataques desses. Mas felizmente, Deus lá os tem! Às vezes, é melhor assim do que estar aqui a sofrer. Eles sofriam muito e a gente também."

## Quotidiano “*Pela semana não havia vagar*”

Arminda recua no tempo através da memória. "Lembro-me bem desta aldeia quando ainda era pequena. Era mato, tojos e tudo. Calquei muito atrás do gado. Andei a guardar o gado até aos 18 anos, como não tinha o meu irmão em casa, tinha eu que ir e ajudar os meus pais. Naquele tempo havia muitas cabras e ovelhas. A minha família tinha ora quatro, ora cinco cabras. Era conforme.

Durante o dia ficava a trabalhar. Fazíamos muita coisa. Era sachar, empalhar... Havia muita plantação de milho. Juntavam-se as maltas nas plantações. Semeávamos o milho, que é lá para Março, depois ainda demora muito para colher.

As pessoas costumavam juntar-se para debulhar ou descamisar o milho. Antes disso, havia o desfolhar. Desfolhar é o tirar as folhas pela cana abaixo e descamisar é tirar as folhas da espiga. Costumávamos acartar à mão para um bocado, para a fazenda. Púnhamos o milho ao monte e juntavam-se todos à roda do milho para descamisar. Antigamente, ainda cantavam. Depois, já não.

Nessa mesma altura, também se faziam as vindimas. Tratavam-se de levar as colheitas de milho e os cachos para casa. Depois, de dia, ficávamos a fazer o vinho e à noite íamos debulhar o milho. Primeiro usava-se um riscador e, mais tarde, passou-se a usar uma estaca, um pau. O riscador servia para tirar os grãos da espiga, da maçaroca. Assim, os grãos ficavam todos certinhos, depois podiam ir tal e qual para os moinhos. Nessa altura, havia muitos moinhos e funcionavam em sociedade. Agora, acho que só dois é que estão a funcionar, porque o tio Manuel Grácio Marcelo é que os compôs. Os outros estão parados ou escangalhados.

Íamos botar o gado ao monte e deixávamo-lo a andar por lá. Às vezes, nem o guardávamos. Fugia lá para cima, onde chamam a Sobreira. Lembro-me que havia lá um homem que ralhava. A gente ia lá buscar o gado e ele dizia assim:

- "Olha que o que vós precisavas era de um forgueiro por..."

Olha, que a gente passou-as também. Ficávamos com medo de voltar para casa sem as cabras. E os lobos levavam os chibos. Ainda me lembra que botava o nosso gado e, às vezes, também guardava o gado de outros. A gente precisava e era sempre uma forma de darem alguma coisa. Era assim. E uma vez, eu deixei levar um borrego que era de um primo meu. Ia com os outros ali por cima e o lobo passou por nós para baixo, parecia que até vinha maluco. Fiquei com medo. Atacavam e lá comiam o gado. Não atacavam muito as pessoas, porque quando nos viam fugiam.

Andava descalça por essas serras adentro. Naquele tempo a guardar o gado passava das boas. Agora já não temos porque arderam, mas antes havia muitos tojos. A gente não tinha calçado, levava-se uma capuchita para embrulhar os pés. A gente passou mal.

Já cá houve tantos incêndios! Isto é no meio da serra, é natural. É uma tristeza ver tudo a arder. Até é uma afronta para a gente. Ficamos todos preocupados.

Recordo-me quando houve um grande incêndio há mais de 20 anos. Ardeu tudo. E há pouco tempo houve outro. Os bombeiros queriam que todas as pessoas fossem para Coja, mas os mais novos ficaram a guardar as casas e calhou que muitos de Lisboa estavam na aldeia. Nesse dia, fui para Coja. Os bombeiros vieram-nos cá buscar. Estava a arder tudo aqui à volta. Andava o fogo aí por todo o lado. Ainda me ardeu uma casa aqui em baixo, que era uma palheira. Punha lá muita coisa. Guardava os cereais e ardeu tudo, até madeiras que tinha lá. Também tinha lá as galinhas. Estava em Coja, quando chegaram lá umas primas minhas disseram-me:

- "Ai, a sua palheira já ardeu. Mas, olhe, as galinhas ainda lá estão."

Com o fogo, elas fugiram. Desceram.

A gente tem-nas passado. Antes dos incêndios a aldeia era muito bonita. Tinha muitas árvores. Havia muito castanheiro, agora não. Há, mas estão ardidos. As pessoas iam apanhar as castanhas e depois comiam-nas umas cozidas, outras assadas. Também faziam sopa de castanhas. Às vezes, botavam-lhe arroz. Outras casta-

nhas eram pisadas.

No dia em que se pisava as castanhas era uma paródia. Ainda me lembro de irem apanhar as castanhas. Às vezes, iam roubá-las uns aos outros. Mas normalmente, cada um ia apanhá-las no seu castanheiro. Secavam-se e, ao fim, é que iam para dentro de um cesto pequeno, um caniço, e pisavam-nas. As pessoas iam para dentro do cesto com umas botas e a casca saía toda. Normalmente, ficava uma só pessoa lá dentro a pisá-las. Às vezes, até lá se metiam duas. Tinham uns tamancos com umas brochas que ajudavam a descascar as castanhas e não picavam os pés. Depois de pisadas coziavam-nas de muitas maneiras. Quando estavam todas branquinhas coziavam-nas com arroz. Às vezes, coziavam-se assim simples só com água. E ficavam bem doces! Naquele tempo não se faziam doces ou bolos com castanhas. Não havia receitas. Agora já se ouve dizer que fazem pudim de castanhas, mas nunca provei.

Havia também muita cerejeira. E das boas. Também havia quem fizesse criação de abelhas, mas eu não tinha. Só comprando. Mas lembro-me que o mel era tirado dos cortiços antigos, que eram de cortiça. Agora já usam caixas em madeira. Mas, lembra-me de, por exemplo, vê-los a tirar o mel dos cortiços. Daí traziam-no para casa e espremiavam-no. Diziam que iam crestar o mel. Os que tinham mel não davam aos outros. Podiam dar um bocadinho, mas o resto era para venderem. O que não vendiam, ficavam com eles.

As pessoas mais ricas da aldeia eram aquelas mais ou menos bem parecidas. Havia pessoas que tinham mais do que outros, mas nem por isso eram mais ricos. Em termos de dinheiro, era quase tudo igual. Agora em termos de renovo havia pessoas que tinham muito, muito mesmo. O renovo, para quem não sabe, é aquilo que se colhia da terra, como o milho e o feijão.

As pessoas para ganharem algum dinheiro também vendiam queijos, milho, batatas e feijão. Mas não eram todos, só aqueles que tinham em mais quantidade é que vendiam. O dinheiro que ganhavam servia para comprar o que faltava em casa, como o sabão e o sal. Naquele



**Fotografia 3:** Arminda dos Anjos e Cidalina dos Anjos Bento, mãe e filha, sentadas à lareira no Inverno. Soito da Ruiva, Março de 2007.

tempo, ainda havia na aldeia uma mercearia e taberna, onde comprávamos a massa, o arroz, o açúcar, o vinho, o azeite e o petróleo também. As coisas que eram precisas. Depois fechou. Os donos morreram e a filha foi para Lisboa. Nunca mais houve cá nada.

Antigamente não havia electricidade. Eram umas candeias. Ainda ali temos uma. Mas não se via quase nada com aquilo. No Inverno, as lareiras é que nos aqueciam. Íamos buscar lenha, como hoje ainda vamos.

Naquele tempo trabalhavam muito. Cultivavam tudo. As fazendas que aí há estavam todas cultivadas e durante a semana não havia vagar. Quando andavam aí nas fazendas, juntavam-se todos a cavar. As pessoas eram muito amigas umas das outras. Agora é que já não. Isto aqui é quase tudo primos, tios e parentes próximos. Agora, tios já há poucos. Era duro para a gente ter que andar de bocado em bocado e acartar montes de esterco para adubar a terra. Ainda me lembro que na altura as pessoas usavam um relógio para controlar o tempo da utilização da água das levadas. Aquilo estava organizado por horas. Umhas pessoas tinham uma hora, outras tinham mais, conforme o tamanho dos terrenos. De vez em quando andavam à bulha. Mas depois passava.

Fazíamos também a apanha da uva para fazer o vi-

nho. A gente cortava as videiras para uma cesta e logo depois trazíamos para o que chamamos uma dorna e depois esmagavam-se as uvas. Antigamente, esmagava-se com os pés. Depois, deixavam-no estar aí uns três dias. Depois de três dias, levavam o bagaço para o lagar e trazia-se o vinho para os pipos.

Algumas pessoas também faziam aguardente. Mas nós nunca fizemos. Quem tinha muitos cachos, cujo vinho não cabia nos pipos, fazia aguardente. Usavam o alambique, que era uma panela grande e por baixo da panela acendiam o lume para ficar a ferver. Dava uma bebida forte. Por mim, nunca a bebia. Além dessa aguardente, também havia a aguardente de mel, mas cá também só faziam as pessoas que tinham muito mel.

O costume da terra era as mulheres tratarem das terras e da criação dos filhos, porque os homens iam para Lisboa. Muitos acabavam por ficar por lá. Os rapazes também abalavam para lá. Em saindo da escola, se calhar, iam logo. Uns trabalhavam na cortiça, outros era no peixe, na padiola. Havia ainda outros que chamavam os gameiros. O meu marido trabalhou sempre na cortiça. Só assim é que ganhavam algum dinheiro para mandar para as famílias para fazer as roupas, pois naquele tempo não havia roupas nem calçado como agora. Era daí também que se compravam os porcos, com licença de quem ouve. Entre outras coisas. Em Soito da Ruiva é uso pedirmos licença sempre que se diz a palavra porco. Dizemos "... porco, com sua licença", porque é um nome sujo. Não é asneira. É um hábito.

Os porcos eram criados durante todo o Verão e depois lá para Novembro é que os matavam, que era para ter fartura no Natal. Na altura, como não havia frigoríficos, fazíamos enchidos e tínhamos as salgadeiras. Fazíamos também torresmos. Ainda hoje fazemos, mas já não são tão bons. Naquele tempo, criavam os porcos com muita coisa: botelhas, couves, nabos. Quando era lá para Outubro, Janeiro, davam-lhes batatas e abóboras, que cá chamavam botelhas. Coziam tudo na panela, depois botavam aos porcos.

As carnes antes eram muito melhores do que agora.



O enchido era tão bom. Os animais eram criados com ervas e tinham mais qualidade. Era tudo natural. Agora não. Também já não há ninguém na aldeia a criar porcos. É uma tristeza.

Ainda me lembro quando faziam os enchidos, que a gente aqui diz as chouriças de carne. Migávamos a carne para uma gamela, um alguidar grande. Deitava-se-lhe a carne para dentro, água, azeite, sal e colorau. Também aproveitávamos o sangue do porco que ia para outra gamela ou alguidar e punham a mesma água, com azeite, sal e tudo isso, que era para conservar a carne. Cozíamos o sangue e fazíamos as chouriças de sangue. Aparavam o sangue numa gamela e deixavam-no a coalhar. Depois partiam com uma faca tudo às talhas. Botavam-no dentro de uma panela para cozer, que naquele tempo eram nuns caldeiros que tinham um arco. O porco depois vinha aqui para casa, porque a loja era baixa para pendurá-lo. Então, penduravam-no. Entretanto, em cima da mesa punham aquelas bacias cheias de sangue cozido e os torresmos para irmos comendo com broa.

O Natal era sempre muito farto de comida. As chouriças guardavam-nas para o tempo em que tínhamos de andar a cavar. Aliás, sempre tivemos muita carne e hortaliças. O peixe vinham cá vender. Noutro tempo vinham cá umas mulheres, a pé, com umas caixas na cabeça com o peixe salgado, porque não havia frigoríficos. Lembro-me de ver o sal a correr-lhes pela cara abaixo. Agora o peixe já é congelado e vem em carros.

Naquele tempo quando se faziam os casamentos matavam muitas cabras e depois arranjavam-nas no forno a lenha. Havia um forno que era de todos e as pessoas, às vezes, juntavam-se para cozer qualquer coisa em sociedade. Ficava ali ao pé da poça, junto à barroca, onde era a mercearia antigamente. Era ali próximo do meio do povo. Perto da afilhada da minha mãe.

Por exemplo, quando queriam fazer a broa, as pessoas iam perguntar quem é que queria cozer. Depois juntavam-se umas poucas e cada uma pegava no seu milho, amassavam-no numa gamela e levavam a sua para pôr a cozer no forno a lenha. Esse forno ainda trabalha. É

onde a prima Arminda faz a broa. Ainda há mais quem coza, como a tia Libânia, a minha tia Irene, que é irmã do meu pai.

***Comissão de Melhoramentos "Anos seguidos com coisas novas"***

Assim que começou a Comissão na aldeia, muita coisa foi melhorando. Abriram estradas, puseram o telefone e, mais tarde, a água, a electricidade. Foram uns anos seguidos com coisas novas. Lembro-me bem que a primeira Comissão de Melhoramentos pôs o telefone e o correio, porque o correio antes era uma mulher que ia buscá-lo ao Sobral Magro todos os dias a pé. Aquilo é tão longe e não havia carreiras daqui para lá. Ainda hoje não as há e fazem muita falta. Nem que fosse uma carinha, já era bom para a gente, porque para apanhar a carreira temos de ir até ao Sobral Magro, lá em cima à serra. Ainda é muito longe.

Hoje em dia, as coisas estão diferentes. Quando precisamos de ir ao médico temos que mandar vir um carro a casa, um táxi ou os bombeiros. Ultimamente, como existiam muitas pessoas idosas e a viverem sozinhas, os bombeiros vieram instalar nas casas um telefone (SOS) para a pessoa ligar directamente, caso precise. Na altura, também tinham lá o meu nome, mas depois viram que vivia com a minha filha e então já não puseram. Só o puseram a quem vivia sozinho. Mas mesmo em caso de emergência, demoram cá a chegar os bombeiros. É longe!

Só uma pessoa é que ainda tem gado. Só uma é que sobrou! É a Arminda, a minha afilhada. Mas na altura havia muitos animais aqui. Havia cães, gatos, gado. Agora não há cá nada. Gatos ainda aí andam. As pessoas deixaram de ter animais, porque também não há muito comer para dar. Cidalina acrescenta: "eu gostava de ter um cão, mas a minha mãe não quer." A comida também vem do Centro Social, de lá de baixo e quando cresce a minha filha bota ali para os gatos.

Roupas de vestir e de cama também vêm cá vender.

Temos de estar atentas para quando alguém chama. De vez em quando a gente houve um carro a apitar. Às vezes, é o senhor do pão, outras vezes é o carro do peixe, das hortaliças, e lá vão as pessoas comprar. A fruta também vêm cá vender. Maçãs, peras, laranjas, bananas, quando é no tempo dos morangos também trazem morangos, cerejas também. Já não há frutos aqui na zona como havia antigamente. Ardeu tudo. Havia cá muita cereja, muita maçã e castanhas.

### *Festas "A aldeia enche"*

Em Soito da Ruiva só o mês de Agosto é que é mais animado por causa das festas. A aldeia enche com as pessoas que vêm de Lisboa, com outros familiares, vizinhos de outras aldeias e, às vezes, muita gente estrangeira. Eu não vou à festa porque não gosto de ouvir barulho. Mas é um dia muito alegre para quem vai e é bom para quem tem alegria e saúde. Costuma ser no largo à entrada do povo.

Antigamente, as festas da aldeia eram no Outeiro. Celebrava-se o dia de São Lourenço e fazíamos a procissão, onde passavam os andores com os santos. Costumavam passar aqui à minha porta. Ainda hoje passam. É bonito. As pessoas juntam-se todas, vão à missa e depois saem na procissão com o padre. Depois, faz-se a quermesse. Esta festa de oferta a São Lourenço costuma ser num sábado.

No dia seguinte, no domingo, é costume fazer-se a festa da Comissão de Melhoramentos. E também se juntam as pessoas. Há bailarico e brincadeiras. As pessoas dançam, jogam às cartas e aos matraquilhos, as mulheres costumam fazer o jogo do púcaro na cabeça até cair no chão. É um dia alegre.

No Inverno não é tão animado, porque não passa cá quase ninguém. E as pessoas não falam muito. Está mais frio, então ficam mais fechadas em casa. A Cidalina é que costuma ir à serra para trazer lenha para aquecer a casa. Junta-se com a Ermelinda e o Arménio e lá vão sempre a falar. Quando está sol, vamos ali para o sol

e juntam-se algumas pessoas como o Arménio, a Ermelinda, a tia Ana Fontinha e outros.

## Costumes

### *Coscoréis, arroz doce e bolos da colher*

Os coscoréis são dos melhores doces que se fazem na aldeia. Faz-se a massa, amassa-se e depois coze-se na fogueira. Costumavam-se comer nas festas. Hoje em dia, quem tem saúde e alegria faz mais amiúde.

Também há outros doces bons, como os que chamam cá os bolos do forno. Existem também os bolos da colher, muito bons, e que se faziam mais no Natal. Eram também conhecidos por bolos redondos. Em minha casa não faziam muito isso. Não era muito caro, mas a gente é que não tinha posses para isso. Era preciso açúcar, ovos, leite. Nessa altura, comia-se o bolo-rei que agora é comprado. Também havia os bolos da frigideira. Há muitos!

Para os casamentos faziam muita tigelada e arroz doce. A tigelada é típica do Soito da Ruiva. Leva ovos, leite e açúcar. É bom e era feito à lenha. Ainda há pessoas que a fazem, mesmo já para a altura da Páscoa. Nessa altura, também há a tradição das amêndoas, mas são compradas!

Para o Natal, era uso fazer-se os bolos redondos e, para o Entrudo, as fatias de pão com ovos e açúcar por cima. É muito bom!

### *“Máscaras de papelão”*

O Carnaval também era animado. Era dançar toda a noite e todo o dia. Era "ralo" as pessoas vestirem-se de mascaradas. Havia umas pessoas que punham máscaras de papelão ou pintavam a cara com carvão. Tinha muito medo. Uma vez, uma tia da Cidalina que é de Vendas Novas, veio cá nos dias do Carnaval e vestiu-se de Entrudo. A minha filha fechou-se em casa com medo! A tia corria atrás dela e ela fugia!

***Romagens "Cantavam pelo caminho e levavam boas merendas"***

As romagens eram em Vale de Maceira. Íamos a pé lá para diante. Era um dia muito esperado pelas pessoas. Havia lá muita coisa. Íamos ver a feira com roupas, loiças e outras coisas, a igreja e a Nossa Senhora das Precês. Havia muita gente que fazia promessas e iam lá cumprir. Quem precisava, prometia e tinha de lá ir. Era mais quem se via aflito. Ainda fui algumas vezes a essa romagem, mesmo já depois de casada. Às vezes, ia com a minha filha. Era um dia animado, porque as pessoas cantavam pelo caminho e levavam boas merendas para lá comer. Levavam os cestos cheios de comer. Coscoréis e outros bolos, chouriços e chouriças, queijo.

***São João "Arranjavam um cântaro e um gato"***

Nas festas de São João, faziam boas fogueiras e, ai Jesus, dançavam pelas casas e no largo. Sei lá que é que faziam mais?

Havia uma tradição muito antiga que se fazia na altura do São João, em que queimavam o gato. Então, o que é que faziam? Arranjavam um cântaro e um gato e punham-no dentro. Arranjavam um pau muito alto e penduravam o cântaro com o gato através de um fio. No chão, em volta do pau, punham palha e botavam fogo. Quando o fogo ardia até lá cima, o púcaro caía e o gato fugia assustado. Às vezes, até morria, coitadito! Por essa altura, para agarrar os gatos era difícil e os donos ralhavam-nos.

***A capelinha das almas e a cura para as sezões***

Antigamente existia uma capelinha das almas, que era onde é a casa da Comissão. Essa capelinha existe há muitos anos, mas primeiro não era assim. Era ao ar livre. Só mais tarde é que fizeram a capelinha para proteger o santo, o Nosso Senhor, e as almas em toda a volta.

A capela onde há a missa, também não era assim. Lá tem o São Lourenço, um santo que até contam a história



**Fotografia 4:** Cidalina dos Anjos Bento, filha de Arminda dos Anjos. Soito da Ruiva, Março de 2007.

de que os peregrinos tiravam pedaços das costas dele, que era em madeira, para curar das sezões ou para ver se melhoravam. E o santo foi ficando sem as costas.

### *As curas do campo*

Quando as pessoas na aldeia ficavam doentes ou davam algum mau jeito havia sempre a quem recorrer antes de chamar o médico. Por exemplo, quem torcia um pé ou davam um mau jeito e doía muito, diziam que tinha o pé estrutagado. Há quem saiba curar o estrutagado. A tia Arminda é que ainda sabe fazer a reza, com uma cruz e o terço. Recordo-me de ver as pessoas antigas a fazê-lo. Cheguei a torcer o pé e fizeram-me isso, mas que raio, não me serviu de nada. Às vezes cura e faz bem, mas a mim nada me fez bem.

Põe-se um púcaro com água e emborcam-no numa bacia, agarram num pano, numa agulha e linha e à medida que vão rezando vão cosendo o pano. Se o pé estiver estrutagado a água volta a recolher para dentro do púcaro. Se não estiver, a água fica na bacia.

Além do estrutagado, havia a espinela caída, que é um problema na coluna. Então, quem sabia tratar isso, erguia os braços até unir as mãos em cima da cabeça. Daí lá fazem as cruces à maneira deles.

Também cortavam as gerpelas. Dizem que isso também é reles. As gerpelas é ter o corpo a doer e a pessoa que as tem não aguenta com o calor. Então dizem que cortam as gerpelas. Não sei o que fazem, mas passam qualquer coisa no corpo da pessoa que depois fica curada.

Há quem corte o ar às crianças, que é quando têm problemas de respiração. Já não me recordo se foi a Cidalina, mas na altura fui a uma tia minha ali em cima do povo, e depois deitaram a Cidalina no chão e andaram com um sacho de roda a cortar a relva. Diziam umas palavras e rezavam e passava.

Também diziam que erguiam o bucho, quando alguém caía e depois andava doente. Nunca vi fazerem esse tratamento. Naquele tempo bastantes pessoas sabiam. Estas pessoas antigas. Não havia médicos. E agora é pena os mais novos não quererem aprender.

Para coisas mais simples, tomávamos chás com as ervas que tínhamos na zona. Havia as ervas de Santa Rita, que dá para fazer o chá para o corpo todo. A Carqueja que dizem que é bom para o coração. A salva que é bom para dores de cabeça. Isso é bom para mim e para a minha filha que temos muitas dores de cabeça. Então a gente toma um chazinho e já fica melhor.

Antes, íamos apanhar aí pelo campo. Havia muitas. Também há outra folha miudinha, pelas paredes da fazenda, dos bocados, que é a pimpinela. Costuma dar também no chão e até pelos caminhos. O chá da folha de pimpinela serve para quando uma pessoa anda constipada e tem tosse.

O chá que se faz com estas ervas é muito fácil. Basta ferver a água numa cafeteira ou numa panelita, depois cõa-se ou tiram-se as folhas e depois bebe-se.

### ***Lobisomem "Até botava lume"***

Diziam que, de vez em quando, passava aqui um lobisomem. Ai Jesus, diz que passava por aí abaixo e que até botava lume. Eu nunca vi, só ouvia a minha mãe e outras pessoas contarem. Era uma história das pessoas mais an-

tigas. E as pessoas tinham medo. Às vezes, tinham logo de fechar as portas assim que sentiam aquele barulho a passar. Depois seguia para outros lados. Diziam que era um homem transformado num animal. Uma maldição que tinha, mas que podia ser salvo. Também não sei como, porque a gente nunca viu.

### ***Bruxas e benjilhonas "Sabe-se lá se não as há?"***

E bruxas. Ó raio de bruxas. Naquela altura havia! E agora sabe-se lá se não as há? Não sei, nunca vi, mas havia muitas histórias acerca disso. As bruxas eram para fazer mal. Sempre que apareciam pessoas com um mal, depois tinham que ir a outras mulheres que curavam, as chamadas benjilhonas. A essa pessoa não chamavam bruxa, chamavam benjilhona.

### ***O museu da aldeia "Preservar as tradições"***

Lembro-me quando foi criado o museu da aldeia. Na altura achou-se que era uma maneira de se preservar as tradições e as nossas coisas. Todas as pessoas da aldeia deram coisas para lá pôr. Eu dei o xaile de merino preto, uma capa e uma toalha de mesa com renda, que pertencia à minha mãe.

### ***Namoro "Por carta"***

Ó raio de namoro. Raios partam o meu namoro. Naquele tempo como é que eram os namoros? Eu já o conhecia desde pequena, que era de Soito da Ruiva e meu primo. Chama-se Jaime Bento. Mais tarde, ele chegou a andar por outros lados, mas não o quiseram, então também foi para Lisboa para trabalhar.

Numa das vezes em que veio à aldeia, pediu-me em casamento. Ele tinha que vir pedir primeiro a mão em namoro. Os meus pais já se conheciam. O pai dele era meu tio, irmão da minha mãe. Então, autorizaram logo. Antes de casarmos, namorámos um ano e alguns meses. Naquele tempo, era pedir a mão e casar logo. É verdade!





**Fotografia 5:** Arminda dos Anjos e o marido, Jaime Bento numa festa popular. Vale de Masseur.

Antes do namoro, não chegáramos a trocar muitas cartas. Depois ele ainda escreveu! Por acaso, recebi muitas cartas de namoro. Ele sabia escrever bem! Mas para quê? Quando pensei em ficar com ele, sei lá o que mais me valia? Recordo-me que era uma prima minha que me lia as cartas, mas naquele tempo não vinham muitas cartas. Vinham mal! Não as recebia por mês, era quando calhava. Namorava-se por carta!

Já a sua filha, Cidalina, conta que teve alguns namorados, mas nunca casou. Diz que "não deu. Não calhou! E se era para ter a sorte que a minha mãe teve mais vale estar assim. Ainda recebi algumas cartas e era eu quem as lia. Também as escrevia. Mas muitos eram viúvos e não quis. Só um é que era solteiro e não era de Soito da Ruiva. Mas depois acabou!"

### **Casamento “*Tudo comia, bebia e dançava*”**

Muitos casamentos eram feitos aqui na aldeia. Primeiro, esta rapaziada que era de cá e casava aqui. Havia uns que casavam com pessoas de outras aldeias. Para se receber o casamento, às vezes, era em Pomares. Mais tarde, passou a ser ali na capela. O padre vinha cá dizer a missa. Na altura, quem podia fazia bons casamentos, quem não podia fazia com menos. Um bom casamento era arranjar bom comer e coisas diferentes.

Os fatos dos noivos eram conforme podiam. Uns eram melhores, outros eram mais ou menos. Havia de tudo. As mulheres costumavam levar um fato. Ainda me lembra que quando me casei fui mandá-lo fazer a Pomares. Era um fato azul, saia e casaco, uma blusa branca e um véu preto. Naquele tempo era moda assim. Na altura, usei uns tamancos, uns sapatos que comprei de propósito para o casamento. É verdade! Usava-se muito pouco os sapatos. Os sapatos eram mais macios. As pessoas estavam acostumadas a andar descalças e quando usavam os sapatos ficavam com os pés a doer. Mas eu não, levei-os nos pés. Porque naquele tempo, queria-se calçar e não se podia, porque não havia.

Ainda fiz um bom casamento, em casa! Credo, era

muita gente! Já não tomo sentido de quantas pessoas eram. O bolo fazíamos cá na aldeia. Mandámos matar uma rês para comer. Fizemos muitos doces. Eu sei lá? Já tinha uns 20 e tal anos quando me casei. Foi uma grande festa! Por acaso foi. Tudo comia, bebia e dançava. Havia concertina e tudo.

Depois o meu marido foi-se embora para Lisboa. Estive lá muitos anos e vinha de vez em quando para ajudar nas colheitas, mas ele também era doente. Ainda é. Já lhe falta um rim. Tinha vezes que se via à rasca.

Mas quando eu pensei em fazer o casamento valia mais... Olhe que uma vez, ainda me lembra, que fui lá a Pomares e uma mulher, que a gente chama benjilhona, disse-me logo que tinha a vida estragada. Fiquei com medo, mas era por causa do pai da minha filha. Até já sabia o que me ia acontecer. A senhora apenas acertou! Mas não mudei nada na minha vida. Deixei andar! Ele arranjou outra mulher, do Porto. Depois ele divorciou-se sem eu saber. Havia oito dias quando o meu filho, o Amadeu, tinha morrido, quando ele fez isso. Daí a uns dias é que cá chegou uma carta para ir a Arganil. Ainda veio ao funeral do filho e foi nessa altura que veio fazer aquele trabalho.

Apesar disso, ele ainda fala para cá todos os sábados. Foi ele que mandou pôr o telefone. Continua a ser amigo da minha filha. Raramente vem à aldeia. A última vez que cá esteve foi quando o meu outro filho, o Daniel, morreu, no ano passado. A partir de então, não tornou a vir.

Eu não pensei mais em casar-me novamente. Tomara eu nunca ter arranjado nenhum. Tinha-me safado das boas.

## **Descendência “*Não foi fácil criar os meus filhos*”**

Tive quatro filhos: o Arménio, a Cidalina, o Daniel e o Amadeu. Todos os rapazes já faleceram.

Lembro-me bem do nascimento deles. Era uma prima minha que vinha cá ajudar a fazer o parto. Um



**Fotografia 6:** Nuno Gonçalves Bento, neto de Arminda dos Anjos.

deles tive-o sozinha, o Amadeu, que Deus tem! Não foi fácil fazer o parto sozinha!

Não foi fácil criar os meus filhos com o pai longe. Coitadinhos, sabe Deus o que passaram! Eu tenho-as passado daquelas valentes. Na altura não havia médico na aldeia e só chamavam quando não podiam resolver o mal que a pessoa tinha. Quando era alguma coisa normal, as pessoas da aldeia ajudavam. Havia também um senhor que era barbeiro e que também percebia de doenças. Para os meus filhos vinha o médico de Avô, o doutor Vasco. Ainda me lembro dele. Vinha a cavalo num burro para aldeia. Demorava muito tempo. Era um bom médico e ainda vinha muitas vezes ao Soito da Ruiva, quando as pessoas precisavam. Ele tratava bem as pessoas e esteve muitos anos a vir cá. Mas esse senhor já morreu e os filhos dele também. Isto é uma história muito antiga. É um senhor muito antigo. Um dos filhos herdou o cunho do pai. É médico também.



**Fotografia 7:** Nuno Gonçalves Bento, neto de Arminda dos Anjos, quando fez a Primeira Comunhão.